



**ariús**  
Revista de Ciências Humanas e Artes

ISSN 0103-9253 versão impressa – ISSN 2236-7101 versão online

**HISTÓRIA AMBIENTAL E AGROINDUSTRIA DO TOMATE EM PESQUEIRA/PE:  
A NATUREZA COMO NOTÍCIA NOS JORNAIS**

**ENVIRONMENTAL HISTORY AND TOMATO AGRO-INDUSTRY IN PESQUEIRA/PE:  
NATURE AS NEWSPAPER REPORT**

Edson Silva

Universidade Federal de Pernambuco

Daniel Max dos Santos Lima

Universidade Federal de Campina Grande

**Resumo**

A atividade agroindustrial, iniciada em 1898, no município de Pesqueira, no Agreste pernambucano, que começou com a fabricação de doces e que teve o tomate introduzido por volta de 1914, se tornou a principal atividade econômica local, tendo a Fábrica Peixe como seu principal expoente. Essa atividade, que perdurou por todo o século XX, foi responsável por inúmeras mudanças, que podem ser verificadas nos mais variados aspectos sociais e da história pesqueirense. Mudanças no campo socioeconômico, por ter sido a principal fonte de renda de seus moradores e das cidades vizinhas e de arrecadação para os municípios, haja vista a quantidade de pessoas que empregava direta e indiretamente no plantio e processamento do tomate. Pela dimensão alcançada, também influenciou no modo de vida das pessoas e na rotina da cidade. Possibilitou o surgimento de novas classes sociais, como uma burguesia industrial e uma classe de operários assalariados, que só na fábrica Peixe era de aproximadamente 3.000 (três mil) trabalhadores, envolvidos diretamente na produção. Transformou o

município em um polo econômico importante e trouxe investimentos, arregimentando um número muito grande de pequenos produtores como parceiros produtivos e colocou muitos outros para trabalhar em suas plantações, atraindo agricultores e trabalhadores de várias regiões do estado. Nosso estudo busca discutir, sob a perspectiva da História Ambiental, como durante os cem anos de funcionamento da agroindústria em Pesqueira, os jornais com circulação no município trataram os fenômenos aparentemente naturais na região. Constatamos que ocorreram vagas denúncias de ações humanas destruidoras do meio natural, pois foram raros os momentos em que ocorreram posicionamentos questionadores das consequências socioambientais do uso dos recursos naturais, sem que isso fosse associada com as demandas geradas pelas necessidades crescentes da agroindústria e demais atividades socioeconômicas.

**Palavras-chave:** História Ambiental. Agroindústria. Tomate. Pesqueira.

### **Abstract**

The agro-industrial activity, which began in 1898, Pesqueira city, in Pernambuco hinterland, has its origin with the manufacture of candies and the tomato had being introduced around 1914, becoming the main economic activity, and the Fish Factory as its main exponent. This activity, which lasted throughout the twentieth century, was responsible for numerous changes, which can be checked in various social aspects of Pesqueira city history. Changes in the socioeconomic field, having been the main source of income of its residents and nearby cities and revenues for municipalities, considering the amount of people employed directly and indirectly in the cultivation and processing of tomatoes. Because of its dimension the aforementioned activity also influenced the way of life of people and the routine of the city by allowing the emergence of new social classes, as an industrial bourgeoisie and working class which was directly involved in production in fish factory with approximately 3,000 (three thousand) workers. This fact transformed the city into a major economic center and brought investments, putting together a large number of small producers as productive partners and putting many others to work on their plantations as well as, attracting farmers and workers from various regions of the state. Our study aims at discussing, from the perspective of environmental history, and during the hundred years of operation of agribusiness in Pesqueira, newspapers with circulation in the city treated the apparently natural phenomena in the region. We have found that there were vague reports of destructive human actions on the natural environment because questioning discussion seldom occurred concerning social and environmental consequences of the use of natural resources, without being associated with the demands generated by the growing needs of agribusiness and other socioeconomic activities.

**Keywords:** Environmental History. Agribusiness. Tomato. Pesqueira City.

As discussões sobre os tipos de documentos utilizados para a escrita da História é algo recorrente na historiografia, ou seja, tem suscitado inúmeros e infundáveis debates. O percurso do pesquisador buscando dar verossimilhança aos fatos e narrativas, que nem sempre estão baseados em documentos administrativos estatais ou em determinados postulados historiográficos, não significa negar os papéis que as fontes documentais representam, mas sim conectar fios, utilizando-se das fontes disponíveis em suas múltiplas formas. Ou como afirmou um renomado historiador italiano contemporâneo: “reconhecer as dimensões retórica ou narrativa da escritura da história não implica, de modo algum, negar-lhe sua condição de conhecimento verdadeiro, construído a partir de provas e de controles”. (GINSBURG, 2002:20)

Entre estas fontes a que se recorrem incluem-se cartas, resoluções governamentais que variam nas formas de acordo com os modelos estatais adotados em cada sociedade e momentos históricos, memórias, tradições orais e escritos anteriores a existência dos Estados; comunicados religiosos; imagens, etc.

Em nosso estudo utilizaremos os jornais como fontes de pesquisas. Não seja porque tenham mais valor que qualquer outro documento, mas, por se tratar de um veículo comunicativo no qual encontramos relatos e inquietações, que, mesmo não sendo isentos de conceitos ou intencionalidades nos possibilita observar e extrair de suas páginas informações relevantes para a compreensão da História Ambiental no município de Pesqueira, a partir da agroindústria do tomate ao longo da primeira metade do Século XX.

Os jornais como fontes de pesquisas recebia pouca credibilidade por parte dos historiadores, particularmente na década de 1970, por serem em sua maioria vinculados a interesses privados de seus proprietários e suscetíveis a influências de terceiros. E também devido ao posicionamento de seus jornalistas, colunistas, articulistas ou colaboradores, em um contexto histórico de repressão e censura no

Brasil. A postura dos historiadores começou a mudar na medida em que passou a se considerado que:

Condições materiais e técnicas em si dotadas de historicidade, mas que engatam a contextos sócio-culturais específicos, que devem permitir localizar a fonte escolhida numa série, uma vez que esta não se constitui em um objeto único e isolado. Dito de outra maneira, o conteúdo em si não pode ser dissociado de lugar ocupado pela publicação na história, sendo essa a tarefa primeira e passo essencial das pesquisas com fontes periódicas. (LUCA, 2005: 134).

Evidencia-se a importância desse tipo de documento para as pesquisas históricas sem, contudo, esquecer que “nem sempre a independência e exatidão dominam o conteúdo editorial, caracterizado como mistura do imparcial e do tendencioso, do certo e do falso”. (RODRIGUES, 1968, p. 22)

O referido acima encontra amparo ao verificarmos que de acordo com as circunstâncias e interesses esses meios de comunicação noticiavam ou veiculavam propagandas de seus patrocinadores, que utilizavam de espaços reservados a publicidade para prestar informações no mínimo contraditórias. Um caso ilustrativo dessa situação encontra-se no jornal *Correio de Pesqueira* de propriedade dos irmãos Cândido e Joaquim de Britto<sup>1</sup>, publicado em 1928, onde a Fábrica Peixe fez uso de espaço destinado à propaganda, apresentada como pioneira do ramo no município e sendo fundada em 1897, quando o centenário da indústria foi comemorado em 1998.

Para o nosso estudo, pesquisamos os jornais *A Gazeta de Pesqueira*, *A Voz de Pesqueira*, *Jornal Era Nova*, *Jornal de Pesqueira* e o *Correio de Pesqueira*, todos publicados no município de Pesqueira, disponíveis no Arquivo Público Estadual de

---

<sup>1</sup>Filhos dos fundadores da Fábrica Peixe: Carlos Frederico Xavier de Britto e Maria da Conceição Cavalcanti de Britto. Os Brito foram uma das conhecidas e importantes famílias tradicionais da elite em Pesqueira.

Pernambuco, e com circulação no século XX. Uns com um período mais duradouro, ou aqueles que não circularam nos mesmos anos, traziam notícias, notas e artigos da época em que existiam as plantações e fábricas de beneficiamento do tomate e de frutas para a produção de doces e conservas.

A nossa pesquisa além do levantamento das informações, se propôs fazer uma análise daquilo que emerge das manchetes, notas, comentários e demais notícias contidas nos jornais pesquisados, entremeado com falas de pessoas que presenciaram em momentos diferentes, a trajetória da agroindústria no município e região. Em um exercício de análise a partir da perspectiva da História Ambiental.

Discutir a História Ambiental a partir do prisma socioambiental está relacionado ao argumento central desse campo de pesquisa interdisciplinar, que é identificar os acontecimentos e as mudanças ocorridas no Ambiente e no cotidiano social sob a perspectiva da interação Sociedade/Natureza/Sociedade. Ou seja: “Uma das peculiaridades mais destacadas da História Ambiental seria, assim, o exame das relações entre os seres humanos e, dentro e a partir delas, a análise das relações que se estabelecem com o mundo natural”. (MARTINEZ, 2006, p. 19).

As visitas de técnicos e autoridades públicas de diversas áreas, em virtude da tão enfatizada pujança fabril foram sempre lembradas pelos órgãos de imprensa, especialmente os de Pesqueira. Visitas às plantações de tomate e apresentação do processo de beneficiamento da mesma eram ações corriqueiras. Essas visitas, entretanto, não denotavam qualquer ação de caráter fiscalizador. Personalidades de fora do estado e até de outros países se deslocavam para o Agreste pernambucano para conhecer a “cidade das chaminés” (GALINDO, 2007, p. 1). Tudo sempre bem noticiado sugerindo a dimensão que tomou a referida atividade econômica.

As questões socioambientais locais receberam pouca ou nenhuma atenção. As condições de vida da maioria da população, a ocupação do solo, a utilização dos recursos hídricos, as relações produtivas no campo e nas indústrias situadas na cidade, as técnicas, o uso de agrotóxicos e suas consequências foram pouco

noticiadas aparecendo apenas em pequenas notas colocadas, sem maior destaque e geralmente ofuscadas pela exaltada grandeza industrial do município.

Em nosso estudo, buscamos discutir as notícias e artigos publicados nos periódicos com circulação no município de Pesqueira, analisando as relações entre os fenômenos aparentemente naturais descritos ou mesmo as vagas denúncias de ações humanas destruidoras do meio natural, sem que isso fosse associada com as demandas geradas pelas necessidades crescentes da agroindústria e demais atividades socioeconômicas. Pois, estas foram modificadoras do Ambiente na medida em que transformou matéria natural em objetos ou em energia para a fabricação de produtos diversos e como combustível para as máquinas fabris ou usadas nos meios de transporte. Embora, essas modificações sejam comumente vistas como algo necessário ao desenvolvimento e conseqüentemente trazendo benefícios para toda a sociedade.

Em raros momentos nos jornais pesquisados observamos posicionamentos questionadores das conseqüências socioambientais do uso dos recursos naturais. Um exemplo, que destacamos como uma exceção aos muitos comentários elogiosos ao progresso benfeitor foi uma denuncia na *Gazeta de Pesqueira* em 30 de julho de 1916 sobre a utilização de madeira retirada da Caatinga. Era expressa a preocupação com as conseqüências para aqueles que viviam naquele Ambiente:

É enorme a devastação das nossas últimas caatingas, cortando-se lenha para o serviço das locomotivas na *Great Western*. Tudo ficará reduzido a um terreno descampado, sem que o viandante encontre uma simples árvore, para acolher-se a sombra nos dias de maior verão. (GAZETA DE PESQUEIRA, 1916, p. 3).

A pequena nota, em relação ao tamanho de outros textos bem maiores publicados naquele jornal, evidenciava que a despeito da existência de normas para a extração da matéria prima ou pelo menos do estabelecimento de valores a ser

cobrados pela madeira extraída, a ação da empresa não levava em consideração o que preconizava o poder público municipal. A nota afirmava que “nossa municipalidade manda cobrar 500 réis por tonelada de lenha; entretanto, nem esse tributo entra para o seu cofre, permitindo-se que a madeira saia de graça”. (GAZETA DE PESQUEIRA, 1916:3).

A mesma nota seguiu discutindo o desmatamento e as mudanças ocorridas na paisagem natural:

A antiga floresta, devido à ocupação humana não só no alto da “serra” como na cidade lá em baixo, foi e continua a ser lenta e incessantemente substituída por sítios de cafeeiros, goiabeiras, bananeiras, verduras e hortaliças, por “mangas” para “refrigério” da pecuária, quando não apenas derrubada para abastecer de lenha às locomotivas da Great Western (atual rede ferroviária de nordeste... Há ainda a considerar o fenômeno “plantation” do tomate, a solanácea que ali se viu introduzida com êxito como matéria prima industrial e hoje, enxotando cada vez mais para longe os roçados de subsistência ou mesmo reduzindo as áreas de criação, vê-se cultivado em escala crescente, por processos técnicos os mais adiantados, prova evidente da capacidade dos filhos da terra e do que se pode conseguir dos solos e clima do agreste. (GAZETA DE PESQUEIRA, 1916, p. 3)

Também encontramos inquietações relacionadas ao uso indiscriminado dos recursos naturais, com consequências para os habitantes da região e para a própria agroindústria, como no caso de um artigo intitulado “Reflorestamento”, assinado por Eugênio Chacon e publicado no jornal *A voz de Pesqueira*:

Impiedosamente, cresce o desmatamento de nossas florestas o que nos tributará futuramente, um sol mais inclemente, uma fragmentada sombra de arvoredo, um extinto patrimônio do estado e finalmente um forte impecilho para a movimentação de nossas fábricas e usinas que funcionam

com energia a vapor, visto desaparecer a lenha para o abastecimento de suas caldeiras. (A VOZ DE PESQUEIRA, 1948, p. 4).

As necessidades criadas pela humanidade associadas à prevalência de uma tecnologia que necessita de uma determinada matéria prima, leva ao uso dessa matéria classificada como recurso natural e enquanto recurso é apropriado pela sociedade, Estado ou empresas criadas para prover o modelo vigente em cada época. Sendo que esse uso, no caso citado, é feito sem qualquer preocupação com as consequências.

Essas intervenções causam mudanças também na forma do ser humano se relacionar com a Natureza ao seu redor. A paisagem se modifica ou é modificada pela ação humana e isso pode trazer mudanças em hábitos cotidianos, mas também em ritos e tradições, deixando para alguns apenas as memórias de como era o Ambiente e de como se interagia com o mesmo. O índio Xukuru José Barbosa dos Santos, conhecido por Zé de Santa<sup>2</sup>, nascido na Aldeia Caípe<sup>3</sup>, por exemplo, recordou que:

Quando eu tinha 8, 9, 10 anos por aí, a onde nós morava no Caípe, a mata, ela tinha... num dava duzentos metros da casa, mata, madeira selvagem, não manga, mas madeira com dez, doze, quinze metros de altura. O quê que a gente fazia, um monte de menino, eu, meus primos, meus tios [...] a gente saía de casa ia pra mata, pegava numa árvore bem comprida, a gente amarrava uma ponta da corda nela. Juntava dois, três assim e soltava pra mode a gente se agarrar nos outros paus do outro lado [...] ou então brincar de guerra dentro da mata, de guerriar, na época, de arco e flecha, o quê que a gente fazia: flecha sem ponta, vamos guerriar, um caçar ao outro dentro da mata. [...] Era brincadeira de criança.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup>José Barbosa dos Santos, conhecido por "Zé de Santa", 67 anos, é Vice-Cacique Xukuru do Ororubá

<sup>3</sup>Entrevista realizada em Pesqueira, 14/11/2013.

<sup>4</sup>Uma das 24 aldeias que integram o território Xukuru do Ororubá, localizado em Pesqueira e também em Poção, municípios localizados na região do Agreste pernambucano.

Outra informação que nos chamou a atenção foi uma orientação dada através de uma coluna no mesmo jornal, denominada "Agricultura e Pecuária". A informação era sobre um fungo conhecido como ferrugem da goiabeira (*puccinia psidii*) e como lidar com a praga.

Parece que não há vegetal mais atacado pela ferrugem que a goiabeira, que ataca seu fruto desde quando ainda estão pequenos, o que impede seu desenvolvimento, endurecendo-os e matando-os. [...] Deve-se tirar os ramos atacados e queimar tudo. Tratar as goiabeiras com calda bordaleza, pulverizando-as um pouco antes da floração, e mais tarde quando começarem a formar os frutos. (A VOZ DE PESQUEIRA, 1948, p. 2).

Esse procedimento descrito acima, nada mais é que a utilização de um fungicida, feito à base de sulfato de cobre e cal, para o combate de uma fitopatologia (doença) que pode acometer as fruteiras citadas.

Se observarmos mais detalhadamente as situações tratadas acima, tenderemos a indagar sobre as relações entre Sociedade/Natureza/Sociedade, percebendo o desequilíbrio ambiental provocado pelas ações humanas e como isso afeta o próprio ser humano, na medida em que contamina não só os alimentos a ser ingeridos como também o solo. Ao mesmo tempo, temos as dimensões socioculturais que são afetadas pelas ações destruidoras do ambiente natural.

Outro questionamento que podemos fazer é sobre a pouca ou nenhuma informação, que as pessoas recebiam sobre os produtos químicos usados no combate as chamadas pragas nas plantações. O mesmo "Zé de Santa", quando questionado sobre o plantio do tomate e o uso de agrotóxicos, afirmou:

Na época as águas eram sobrando. Na minha época 50, 60, 70 [...] Num tempo desse aqui as águas tavam correndo no riacho. Pegava a água no poço e colocava dentro da bomba, pulverizava, depois ia lá pegava de novo [...] todo veneno que a gente usava aqui ia pra li porque era tudo pertinho. A

informação que a gente tinha era que o veneno não fazia mal. Quando a gente dava banho na tomate, pulverizava tudinho, ficava tudo amarelão, com o passar do tempo, com o sol tirava aqueles amarelos e ficava verde de novo, na hora que tava dando banho mudava de cor tudinho. (ZÉ DE SANTA)

A nossa questão teórica diz respeito à interação do mundo social com o mundo natural, modificando o Ambiente, conforme observou um pesquisador da História Ambiental. Ou seja, o debate teórico “não pode ser dissociado das relações sociais e os vínculos que são estabelecidos, com o espaço, moldando territórios e afetando a natureza”. (MARTINEZ, 2006:21).

Essa interação que causa desequilíbrio é comumente interpretada como necessária e inevitável em nome do progresso. Para que aconteçam os “avanços” tecnológicos e produtivos, a humanidade pode prescindir do equilíbrio natural que garantiu a vida de diversos seres na terra, equilíbrio estabelecido há milhares de anos antes da existência do próprio ser humano. Isso porque foram precisos “longos períodos de tempo em que essa vida em desenvolvimento, evolução e diversificação chegasse a um estado de ajustamento e equilíbrio com o seu ambiente”. (CARSON, 2010:23)

A compreensão de que o humano é parte da Natureza não estando fora ou acima dela é algo discutido há muito, por autores que estudaram as sociedades humanas e sua interação com o Ambiente na produção de bens, a exemplo de Engels que afirmava:

[...] não podemos dominar a natureza como um conquistador domina um povo estrangeiro, como alguém situado fora da natureza; mas sim que lhe pertencemos, com nossa carne, o nosso sangue, o nosso cérebro, que está mais no meio dela; e que todo o nosso domínio sobre ela consiste na vantagem que levamos sobre os demais seres de chegar a conhecer suas leis e aplicá-las. (ENGELS *apud* ALMEIDA, 1988, p. 46).

O historiador José Augusto Pádua, em seu artigo "As bases teóricas da História Ambiental", demonstrou o "surgimento" da História Ambiental a partir da concepção de Natureza como História e da ideia de que os grupos humanos seriam capazes de degradar o Ambiente, afirmando que essa visão é recente assim como as mudanças ocorridas nos marcos cronológicos da compreensão do mundo. Ou seja, trata-se de entender como a Natureza influenciou e ainda influencia a história humana. O autor discorreu que a História Ambiental propõe estudar as interações entre os sistemas sociais e os sistemas naturais, e as consequências dessas interações para ambas as partes, ao longo do tempo. (PADUA, 2010:42).

A ideia de uma Natureza hostil, como se dela não fizessemos parte, ou a crença sobre a intervenção divina nos cataclismos naturais, prevaleceram como dogmas durante séculos e em diferentes formas de organização socioeconômica ao longo da história, em detrimento do pensamento mais crítico sobre as intervenções humanas no curso dos rios, na destruição da vegetação e o extermínio de animais importantes para a manutenção de um equilíbrio do mundo natural.

A sociedade industrial estabeleceu uma relação utilitarista da Natureza, para atendimento das novas demandas criadas pela humanidade. Para tanto, destruiu, ocupou e explorou os recursos naturais indiscriminadamente e sem preocupação das repercussões futuras e em certos casos as consequências imediatas, dessas ações.

No processo de industrialização moderna a transformação da matéria prima em produtos propiciou o desenvolvimento econômico em diversas partes do planeta gerando riquezas, mas ao mesmo tempo provocando desigualdades e conseqüentemente o não acesso de parte da população mundial a esses produtos.

A introjeção social do termo recurso natural compreende a interação humanidade-Natureza, pois representa a transformação de matéria prima para o atendimento de necessidades eminentemente econômicas. Ou seja, os componentes naturais que têm sua gênese independente do ser humano, são utilizados na constituição ou reprodução de outros materiais que passam a ter um

valor. A relação entre humanidade e Natureza é concebida como parte do processo social, pois, a dimensão física e material que adquire valor e significado pela sua inserção na vida cotidiana dos seres humanos, pois o ambiente é, necessariamente, uma construção social. (MARTINEZ 2006:21),

A dualidade de pensamento, colocando de um lado os que apostam na exploração dos chamados recursos naturais, sem a preocupação com as técnicas utilizadas nessa extração e do outro aqueles que pensam na manutenção do Ambiente como forma de garantir um futuro, está presente em diversos momentos e episódios da História, inclusive no Brasil. Sendo, portanto, o debate sobre as formas de exploração ou utilização desses recursos algo que transcende os ciclos de especialistas ambientais, atingindo outras esferas.

No Brasil o processo de industrialização seguiu o percurso de destruição da Natureza como forma de garantir o funcionamento das fábricas e do próprio sistema. Entretanto, enquanto perdurou a escravidão o estrago nas terras foi acentuado em virtude das técnicas pouco evoluídas e do emprego de mão de obra forçada no trato da mesma. Aliás, essa foi uma discussão que ocupou boa parte da intelectualidade no Período Imperial, tendo entusiasmados defensores de duas vertentes. Havia aqueles que enxergavam na escravidão a única forma de produção possível por um lado, como também, personagens que interpretavam a utilização da mão de obra naquelas bases, como a responsável pelo aniquilamento do meio natural com consequente emperramento do progresso. Nesse sentido, José Augusto Pádua em seu livro *Um sopro de destruição* esclareceu que entre os pensadores:

A maioria deles considerou que era viável mudar o caráter ambientalmente destrutivo da economia brasileira sem acabar com o sistema do trabalho forçado. Alguns, na tradição de Bonifácio, Rebouças e Nabuco, defenderam a ideia de que enquanto vigorasse a escravidão não seria possível estabelecer uma relação saudável entre o homem e a terra no Brasil. (PÁDUA, 2004, p. 17).

Esse e outros debates sobre a transformação de matérias em produtos, seja no campo, seja na cidade contribuiu para a formação de uma “consciência crítica” (PÁDUA, 2004), sobre a questão da utilização indiscriminada dos componentes naturais, classificados como recursos. Todavia, essa “consciência crítica” não se contrapunha ao famigerado progresso, tão necessário e inevitável.

Foi a interação socioambiental desequilibrada ou “desajustada”, desencadeada com a monocultura do tomate na região de Pesqueira, que buscamos observar a partir das pesquisas nos periódicos supracitados e dos relatos do entrevistado.

A monocultura também foi discutida nos jornais, como era o caso do *Correio de Pesqueira*, que em coluna intitulada “Valorizemos as nossas terras” observava que “das vastas possibilidades dos nossos campos de lavoura, onde quase só se faz o cultivo da goiaba e do tomate” (COREIO DE PESQUEIRA, 1929:3), retratando a concentração produtiva e de utilização da terra para poucas culturas.

Em 1929 encontramos dois outros textos em um mesmo exemplar desse mesmo jornal: um exaltando o desempenho da indústria local e o outro na forma de prestação de contas da municipalidade. Porém o que nos chamou a atenção foi o fato de que a fabulosa dinâmica fabril não representava a principal fonte de arrecadação do município. No primeiro texto se lê: “Sente-se que a cidade vive vertiginosamente uma época de accentuado progresso [...] O movimento de matéria prima é estupendo. É simplesmente heroico” (CORREIO DE PESQUEIRA, 1929:4). Já o segundo texto é um balancete trimestral, onde pelos valores explicitados o comércio e a indústria juntos somaram 453\$000 (quatrocentos e cinquenta e três mil réis) ficando a frente apenas da receita sobre aforamentos que foi de 440\$000 (quatrocentos e quarenta mil réis), numa lista de treze itens que compunham a receita informada pela tesouraria municipal. (COREIO DE PESQUEIRA, 1929:3)

Em que pese esses números não darem a completa dimensão da contribuição econômica das indústrias na cidade, pois os salários e a movimentação financeira podem ser contabilizados indiretamente, podemos observar que a pujança exaltada

não se materializava como receita direta para os cofres públicos do município, enquanto isso a Natureza era devastada para garantir a produção.

Retomando aqui à questão da importância atribuída à agroindústria tomateira, sem perder de vistas as perspectivas de que as notícias geralmente deixavam de fora os problemas ou informações que ofuscassem o brilho dessa atividade econômica, símbolo do progresso da região.

Um tema recorrente nos jornais foi a baixa pluviosidade ou o fenômeno da seca naquela região. Todavia, nos chamou a atenção notas sobre o desabastecimento e a discussão sobre contaminação da água no município. No que diz respeito aos dois primeiros pontos, são inúmeras notinhas sobre trovoadas e possibilidades de chuvas ou do flagelo da seca que se abatia sobre o povo da região. Ou seja, tais assuntos se tornaram de menor relevância, se comparados aos espaços ocupados nos jornais para noticiar a agroindústria. Foram publicados também quadros demonstrativos sobre as médias pluviométricas como o apresentado a seguir:

**Tabela 1: Estação Meteorológica de Pesqueira**

Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
1946	17.6	65	48.5	133.7	49.9	75.9	46.6	22.9	28	0.0	123	21.5	632.6
1947	18.9	2.9	440.2	164.8	71.6	62.4	39.5	30.3	05	2.8	64.1	45.8	978.3
1948	21.1	68.8	166.4	47.8	76.7	147.4	134.5	25	13.9	5.0	4.8	3.2	714.6
1949	4.2	93.5	9.3	120.8	136.6	74.9	65.6	26.6	28.8	3.8	174	1.9	740.0
1950	12.2	3.5	55.6	121.6	63.5	39.8	57.3	45.2	29.3	73.6	5.5	29	636.1
1951	8.9	4.8	30.5	65									

Fonte: jornal *A Voz de Pesqueira*, 1953, p.2.

O quadro acima corrobora a análise descritiva do município de Pesqueira encontrada na obra do geógrafo Hilton Sette, que escreveu poucos anos depois:

Também em relação às condições climáticas, Pesqueira é, realmente, uma cidade da região do Agreste, situada em uma porção mais ocidental, uma vez que suas precipitações, comandadas pela massa equatorial atlântica,

alcançam ali a média anual de 687,5 mms, cota essa uma tanto superior as que comumente se registram no Sertão e muito inferior às que se verificam na zona canavieira. (SETTE, 1956, p. 11).

Esse quadro de pluviosidade, no entanto, não justificava toda a escassez de água no município e as mudanças ocorridas na paisagem, que se tornava mais árida com a vegetação menos densa, onde algumas espécies de caatinga passaram a predominar por serem mais resistentes aos longos períodos de estiagem. Nesse sentido o mesmo autor, discutindo a baixa pluviosidade e sua consequência para a formação hidrográfica e o predomínio de determinado tipo de cobertura vegetal no município e na região, afirmou que:

[...] Tais condições climáticas não se mostram fielmente refletidas nos quadros hidrológico e botânico do cenário envolvente de Pesqueira. Um intenso desflorestamento do solo resultante da ocupação humana, um mais fácil escoamento das águas caídas através de enxurradas em lençol têm conseguido alterar o regime dos cursos fluviais e ampliar as áreas de domínio das caatingas, a ponto desses fenômenos serem observados ali por velhos moradores da região. (SETTE, 1956, p. 30).

Ou seja, sem determinadas espécies, a cobertura vegetal não seria capaz de manter a umidade e mesmo represar naturalmente parte da água que brotava nos pontos mais altos do relevo pesqueirense. E tudo isso foi produzido pela ação humana, com a ocupação desordenada do solo e a retirada das proteções naturais constituídas pela Natureza em um longo período de formação.

Sobre o desabastecimento de água, constante no município, uma nota com o título de "Água" publicada em uma coluna no jornal *Gazeta de Pesqueira*, cobrava providências do poder público para solucionar o problema, uma vez que a população pagava pelo serviço. Com um tom jocoso a notinha afirmava:

Se as reclamações servissem, diríamos que todos os dias não temos água no encanamento, chegando alguma – bem tarde e tão minguada como cacimba em tempo de seca. Mas como as cousas são assim mesmo e acabam enfadando os que deviam atender, - voltamos atrás para dizer então, que o contentamento está conosco, principalmente quando termina o mez e vem o procurador receber 6\$000 daquilo que não nos venderam, deste contrato que não foi cumprido! Louvado seja Deus... (GAZETA DE PESQUEIRA, 1929, p. 2).

O *Jornal de Pesqueira* em 1931 também apresentava uma nota reclamando da falta de água e de providências do governo municipal para minimizar a situação da população atingida com o desabastecimento e a seca. Dizia a nota:

A falta d'água em Pesqueira merece atenção dos poderes públicos. Os manaceas estão estanques e a população pobre, para mitigar a sede inclemente, vê-se na dura contingencia de bebêr a água salgada da "Pitanga". [...] Note-se que este serviço constiue para o município, uma das principaes fontes de renda. Urge, portanto, uma providência que assegure a população de Pesqueira agua necessária ao seu consumo. (JORNAL DE PESQUEIRA, 1931, p. 3).

Nesse aspecto fazem sentido o que escreveu Betânia Galindo em seu estudo quando apontou a existência de:

[...] acusações de favorecimento político ao grupo Peixe, uma delas é a denúncia de que a fábrica Peixe usava toda a água da cidade na sua atividade fabril. Causando sérios problemas de abastecimento à população e de que era a prefeitura que arcava com a conta de água da referida fábrica. (GALINDO, 2007:56)

A ideia de que a população ficava sem água por favorecimentos e reclamava desse desabastecimento sem explicações, não é algo sem fundamentos, principalmente se observarmos o que foi publicado em outro jornal: “Voltou a não termos água em nossa habitação. Vejam quem é o chefe de peça que se vai ficando com a que nos pertence. Desta forma, nada poderemos pagar no fim do mez” (A VOZ DE PESQUEIRA, 1929:3). Onde observamos que as insatisfações ocorriam em virtude da cobrança indevida por um serviço não prestado, mesmo não havendo estiagem. Na sequencia vemos outra nota na mesma coluna dizendo que o “Tempo continua chuvoso. As notícias do alto Sertão são muito boas”. Enquanto isso, não há registro nesses órgãos de imprensa de que a produção das fábricas tenha estancado em virtude de qualquer desabastecimento de água.

Também encontramos várias notas sobre doenças como a peste bubônica, pragas como a publicada no texto “Império das moscas” (A VOZ DE PESQUEIRA, 1953:1) e a proliferação de lagartas, que mereceram até a abertura de um posto de combate a esse mal na lavoura. Entretanto, esses males ou fenômenos não foram associados ao desequilíbrio ambiental causado pela introdução de espécies exógenas e da produção do tomate em larga escala.

Em que pese o apelo para que as autoridades tratassem da questão sanitária, tomando medidas para amenizar o problema, a nota intitulada “Epidemias” da *Gazeta de Pesqueira*, trouxe o seguinte:

Estamos a braços com as pestes, sem que nenhum poder se abalance para minorar a situação. A vila de Poção totalmente abandonada, sem o menor saneamento; a serra do Urubá invadida pela peste bubônica. Ainda esta semana pessoas que voltaram a Poção, na esperança de que poderiam habita-lo, foram atingidas pela febre de mau caráter e morreram em 24 horas. A bubônica campea, fazendo avultado número de vítimas. (GAZETA DE PESQUEIRA, 1928, p. 3).

Várias outras notas, tratavam da peste bubônica na cidade entre os anos de 1928 e 1929, sem, contudo, discutir essa proliferação da doença a partir do desequilíbrio entre os roedores enquanto vetores transmissores do mal em maior número e a possível diminuição de seus predadores naturais, em virtude das modificações impetradas no habitat dos ratos com a implantação das grandes áreas de lavouras destinadas à agroindústria. Ou seja, a devastação das matas e da caatinga, para dar lugar ao plantio do tomate, melhor dizendo, da monocultura tomateira estabelecida no município, provocou um desajuste no Ambiente e trouxe repercussões danosas para o ser humano.

### **Considerações finais**

Na sua coluna publicada em *A Voz de Pesqueira*, Eugênio Chacon usou o espaço em 1959 para fazer uma análise sobre as condições de vida humana, referindo-se as mudanças no Ambiente, mais especificamente como estavam relacionadas diretamente com o inevitável progresso. Escreveu o articulista:

[...] reconhecemos que dia a dia a existência humana vai se complicando mais, vai sendo mais exigida, pela civilização, pelo progresso continuo e avassalador. O homem empurrado ou não, vai participando daquilo que a natureza lhe proporcionou e êle habilmente soube aproveitar, dando-lhe mil formas atraentes. [...] A medida que os tempos passam, o homem se torna mais escravo de sua obra. (A VOZ DE PESQUEIRA, 1959, p. 1).

Todavia, observamos que as afirmações são generalizadas, pois não foi estabelecida nenhuma relação com o processo agroindustrial que a cidade estava vivendo. As preocupações pairavam sobre um progresso genérico e os apelos direcionados aos poderes públicos de uma forma em geral. O que é compreensível

pois o autor do texto era também um dos proprietários do jornal e membro de uma das conhecidas famílias tradicionais da elite de Pesqueira.

Tal situação possui semelhanças com as preocupações generalistas sobre o aquecimento global, ocupando parte das páginas dos jornais brasileiros na atualidade e que nenhuma relação faz com o sistema produtivo vigente ou raramente nomeia, especifica os responsáveis pelo desequilíbrio ambiental. Uma vez que esses periódicos são também de propriedades de famílias da elite que estão vinculadas ou veiculam propagandas de grandes empreendimentos estatais ou privados, empresas nacionais ou multinacionais que degradam, destroem a Natureza em nome do progresso e de um suposto benefício para toda a sociedade.

Onde o discurso de proteção a Natureza na maioria das vezes procura incutir apenas as responsabilidades individuais. Ou ainda evidencia a Natureza naquilo que tem de exótico, exterior ao ser humano, um paraíso distante sem as interações humanas e das relações sociais de poder no acesso e uso dos recursos naturais em igualdade para todos.

A atividade agroindustrial iniciada em 1898, com a fabricação de doces pela família Britto e que em depois introduziu o tomate na produção de conservas, se tornou o principal produto da conhecida Fábrica Peixe. Atividade se estendeu por todo o século XX, sendo responsável por inúmeras mudanças, que podem ser verificadas nos mais variados aspectos da vida social e da história do município de Pesqueira, no Agreste pernambucano. Ocorreram significativas mudanças no campo socioeconômico, por ter sido a principal fonte de renda de seus moradores, das cidades vizinhas e de arrecadação do município, haja vista a quantidade de pessoas que empregava direta e indiretamente.

Pela dimensão alcançada, a agroindústria também influenciou em muito o modo de vida das pessoas e na rotina das cidades. Possibilitou o surgimento de novas classes sociais, como uma burguesia industrial e uma classe de operários assalariados, que só na fábrica Peixe era de aproximadamente 3.000 (três mil)

trabalhadores, envolvidos diretamente na produção. Transformou o município em um polo econômico importante e trouxe investimentos, arregimentando um número muito grande de pequenos produtores como parceiros produtivos e muitos outros para trabalhar em suas plantações, atraindo assim agricultores e trabalhadores de várias regiões do estado.

Nosso interesse, no entanto, está nas mudanças ocorridas no mundo natural e nas relações socioambientais estabelecidas a partir dessa atividade econômica. Assim como as mudanças em torno das práticas e técnicas de plantio introduzidas pela Fábrica Peixe e por outras fábricas que surgiram ou se instalaram no município.

Os impactos ambientais com a introdução dos agrotóxicos como fertilizantes, adubos e praguicidas, nas lavouras de tomate e que depois passaram a ser utilizados nas demais plantações pelos pequenos agricultores e indígenas. Assim como as consequências socioambientais provenientes do uso desses produtos, conforme nos foi relatado em conversas informais em nossas andanças pela região, o que demonstraram a necessidade de estudar a agroindústria sob a ótica da História Ambiental.

A cultura do tomate esteve e continua associada ao uso de agrotóxico como forma de garantir sua produtividade. Segundo informa dados de pesquisa realizada pela Embrapa e publicada recentemente:

Estudos realizados em Pernambuco para a cultura de tomate, comprovaram a ocorrência do emprego preventivo dos agrotóxicos gerando outros problemas, dentre eles a necessidade de uso crescente de novos produtos e misturas; além disto, constataram que há carência de ações que visem à proteção da saúde dos trabalhadores rurais que lidam com agrotóxicos bem como de medidas contra os danos ambientais. (GOMES, 2011, p. 23).

Em Pesqueira o quadro não foi diferente, inclusive entre os indígenas que habitam no Município, que desde o período de introdução dos agrotóxicos por parte

das fábricas e por indução das mesmas, passaram a plantar com esses produtos. Entretanto, a partir das resoluções de suas últimas assembleias ocorridas em 2013 e 2014 e de encontros de troca de sementes, o povo Xukuru do Ororubá vem buscando por meio das ações da JUPAGO<sup>5</sup>, reintroduzir entre os indígenas uma prática de plantio livre do uso de agrotóxicos. Baseada em princípios agroecológicos e na ideia de que a “Mãe Terra” não deve ser contaminada, pois isso significará a contaminação do próprio povo Xukuru do Ororubá, que tira seu sustento dela.

Acreditamos que o nosso maior desafio será a pesquisa, sob a perspectiva da História Ambiental, sobre as temáticas socioambientais relacionadas a agroindústria tomateira e a história pesqueirense, com os diálogos possíveis procurando entender ou interpretar as situações a partir dos múltiplos discursos, olhares e perspectivas das narrativas, utilizando as diversas fontes, a exemplo dos jornais, observando as diferentes versões e interesses expressos.

## Referências

- ALMEIDA, Jozimar Paes de. *A extinção do arco-íris: Ecologia e História*. Campinas: Papirus, 1988.
- ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Metamorfoses indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.
- ALVES, Irene dos Santos. *Índios Xukuru: saúde, saneamento e condições de vida. Aspectos de uma história socioambiental em pesqueira, 1950*. Recife: UFPE, 2007.
- CARSON, Rachel. *Primavera silenciosa*. São Paulo: Gaia, 2010.
- CARLOS de Britto e Cia. *Correio de Pesqueira*. 29/05/1928.
- CAVALCANTI, Célia Maria de Lira. *Acumulação de capital e a industrialização em Pesqueira*. Recife: UFPE, 1979.

---

<sup>5</sup>Organização dos Xukuru do Ororubá responsável pela formação agroecológica e o suporte técnico agrícola no território indígena.

FEITOSA, Raymundo Juliano Rêgo. *Capitalismo e camponeses no Agreste pernambucano: relações entre indústria e agricultura na produção de tomate em Pesqueira*. Recife: UFPE, 1985.

GALINDO, Betânia Flávia Cavalcanti. *A cidade das chaminés: história da industrialização de Pesqueira*. Recife: Faculdade Boa Viagem, 2007. (Dissertação Mestrado em Administração).

GINSBURG, Carlo. *Relações de força: História, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GOMES, Marco Antonio Ferreira; BARIZON, Robson Rolland Monticelli. *Panorama da contaminação ambiental por agrotóxicos e nitrato de origem agrícola no Brasil: cenário 1992/2011*. Jaguariúna: Embrapa Meio Ambiente, 2014.

LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MARTINEZ, Paulo Henrique. *História Ambiental no Brasil: pesquisa e ensino*. São Paulo: Cortez, 2006.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da História Ambiental. *Estudos avançados*, v. 24, n. 68, p. 81-101, 2010.

RODRIGUES, José Honório. *Teoria da História do Brasil: introdução metodológica*. 3. ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

SETTE, Hilton. *Pesqueira: aspectos de sua Geografia Urbana e de suas interrelações regionais*. Tese de concurso para provimento efetivo da cadeira de Geografia do Brasil do Colégio Estadual de Pernambuco. Recife, 1956.

WORSTER, Donald. Transformações da Terra: para uma perspectiva agroecológica na história. *Ambiente & Sociedade* - Vol. V, n. 2 ago./dez. 2002 - Vol. VI, n. 1, p.23-44. jan./jul. 2003.

\_\_\_\_\_. Para fazer História Ambiental. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro. v. 4, n. 8, p. 198-215, 1991.

## **Jornais**

*A Gazeta de Pesqueira*, 1902-1972.

*A Voz de Pesqueira*, 1940-1970.

*Jornal Era Nova*, 1920-1930

*Jornal de Pesqueira*, 1931-1935

*Correio de Pesqueira*, 1927-1930

## **Autores**

Edson Silva

Doutor em História Social pela Unicamp

Professor do Colégio de Aplicação / Centro de Educação - UFPE e do PPGH/UFCG.

Email: [edson.edsilva@gmail.com](mailto:edson.edsilva@gmail.com)

Daniel Max dos Santos Lima,

Mestrando em História no PPGH/UFCG

Email: [maxsociologo@gmail.com](mailto:maxsociologo@gmail.com)

*Recebido em junho de 2014*

*Aprovado em outubro de 2014*